

Rui Barbosa

Encontra-se na Codificação Kardequiana este grande ensinamento: «O trabalho impõe - se ao homem, por ser uma consequência de sua natureza corpórea. É expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade.»

Os Espíritos, por meio de seus comunicados, não se cansam de advertir-nos, sob as mais variadas formas, o grande valor do trabalho. Ele «é a escada divina de acesso aos lauréis imarcescíveis do espírito».

«O que o homem não deve esquecer, em todos os sentidos e circunstâncias da vida, é a prece do trabalho e da dedicação, no santuário da existência de lutas purificadoras, porque Jesus abençoará as suas realizações de esforço sincero».

«Não olvidemos que Jesus passou entre nós, trabalhando.»

Rui Barbosa, bem podemos dizer, passou toda a sua vida orando, por meio do trabalho profícuo, patriótico e humano! Seu cérebro, como foi dito, era uma verdadeira máquina a serviço da Humanidade. Tinha uma concepção, acerca dos ensinamentos de Jesus, que transcendia às interpretações rasteiras, tendenciosas dos pseudo representantes do Cristo na Terra, desses homens que, ainda hoje, julgam necessária a implantação, em nossa pátria, da pena de morte, como se ela não fôsse uma aberração em face do pensamento cristão!

Apreciemos, por exemplo, este belo trecho em que Rui bem sintetiza o perfeito entrelaçamento da oração com o trabalho:

«Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se d'alma pelo contacto com Deus. O trabalho é o interior, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos. O indivíduo que trabalha acerca-se continuamente do Autor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende também a dele. O Criador começa e a criatura acaba a criação de si própria.»

A Codificação Kardequiana também afirma que «constranger os homens a procederem em desacordo com o seu modo de pensar, é fazê-los hipócritas. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso», e mais ainda: «toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem».

Convenhamos que a águia de Haia, cujo espírito vojava muito acima das ideias ultramontanas, dizia abertamente que «de todas as liberdades sociais, nenhuma era tão congenial ao homem, e tão nobre, e tão frutificadora, e tão civilizadora, e tão pacífica, e tão filha do Evangelho, como a liberdade religiosa».

Por pensar assim, de maneira tão similar com o ponto de vista da Terceira Revelação, e como não podia, de maneira alguma, permitir que sua consciência fôsse cerceada na liberdade de apontar onde estava a verdade e onde se encontrava o erro, foi constantemente acusado de materialista e ateu, como se tal coisa fôsse possível admitir-se, quando seus atos e suas atitudes foram sempre as de um homem profundamente espiritualizado.

Nesta oportunidade, estas suas palavras são uma vibrante confirmação do que acabamos de dizer: «A minha reputação de incredulidade, materialismo e ateísmo nasceu da especulação maligna de adversários sem escrúpulos, em questões onde a minha atitude era justamente o penhor mais claro da seriedade das minhas crenças morais. Foi por ser um espírito religioso que, em 1875, como presidente do Conservatório Dramático

Na Bahia, levantei contra mim as iras da ortodoxia oficial, pronunciando-me pela representação dos «Jesuítas», de A. Enes; que, então como antes, como depois do «Diário da Bahia», nas conferências do Vale dos Beneditinos e na Câmara dos Deputados tive a honra de ser um dos advogados mais antigos, ardentes e tenazes da liberdade de cultos; que, em 1877, apoiando-me nas autoridades mais insignes da teologia alemã, defendi, no «O Papa e o Concílio», a verdade cristã contra a infalibilidade papal.

«A exploração eleitoral trunco e falsificou os meus escritos. O púlpito ressoou, nos sertões e nas cidades, sob as apóstrofes mais violentas e as histórias inverossímeis contra o meu nome.»

Rui Barbosa é um exemplo vivo da tese reencarnacionista, é um caso típico desse fenômeno, se assim nos podemos expressar, a que nós espíritas chamamos reminiscências, e mais ainda, em muitas oportunidades, por meio das antenas mediúnicas, recebia ele a inspiração necessária, para a defesa das incumbências que lhe estavam afetas.

Quando criança, aprendera, em quinze dias, a análise gramatical e a conjugar todos os verbos regulares.

Recitava, para seu pai, versos de Camões e longos trechos dos sermões do Padre Antônio Vieira, após simples leitura. O que lhe ensinavam, aprendia com incrível facilidade, e

sozinho, qual autodidata, aprendia muitas coisas que um menino normal só com dificuldade conseguiria aprender, e isto mesmo desde que auxiliado por professores.

A vida de Rui foi, indiscutivelmente, um modelo de força de vontade.

Teve, desde seus primeiros anos, de lutar com a falta de recursos; a enfermidade o castigava bastante, e como se isso não fôsse o suficiente, também a indiferença e a má vontade de muitos. Mas, a verdade é que o Espírito do Patriarca José Borrifácio, com nova roupagem carnal, ao voltar à Terra, para desempenho de grande missão, tomou o nome de Rui Barbosa!

E veio com esta forte couraça, por ele mesmo forjada e que lhe facultou enfrentar todas as perseguições e injustiças, razão por que, por um momento sequer, pensou em interromper a sua marcha gloriosa!

Rui, com seu próprio punho, fêz o seu retrato, quando disse: «Criatura deserdada pela Natureza, dos predicados com que se exerce a sedução de homem a homem, talvez não mal encarado em moço, mas hoje em dia aguarentado pelos anos, cara de poucos amigos, boca de raros sorrisos e, por, sobretudo, ao que me dizem todos Os dias, velho e revelho.»

Em virtude desse seu físico raquítico, não causou boa impressão, como Embaixador Especial do Brasil, na Segunda Conferência Internacional da Paz, em Haia, no ano de 1907.

Seus longos discursos, cheios: de profunda erudição, não eram ouvidos com a devida atenção. Nessas oportunidades, e para que apreciemos como a força rememorativa de vidas passadas nele se manifestava com toda a pujança, basta citemos o fato de ele indagar, de seus colegas, qual o idioma em que desejavam proferisse seus discursos.

Agora vamos apreciar como sua faculdade mediúnica se manifestava sempre que seus amigos do Espaço notavam que ele carecia de auxílio imediato.

Quando da sessão, em Haia, então presidida pelo Sr. Martens, que ouvira, com mau humor, o discurso pronunciado sobre presas marítimas, Martens declarou, em tom de censura:

- «O memorial do nobre Embaixador do Brasil constará dos processos verbais das nossas sessões; devo, porém, observar-lhe que a política não é da alçada da Conferência. »

E Silo Gonçalves, a esse respeito, escreveu: «A assembléia aplaudiu: afinal era preciso fazer calar aquele erudito loquaz que assombraria o mundo com o seu saber imenso.

«Chegara para Rui o instante decisivo. Inopinadamente ele se pôs de pé, com visível emoção, pediu a palavra: as águas há muito contidas iam romper o dique na Holanda. A água sentia-se ferida. A erupção veio. Como tigre provocado, reagiu.»

O próprio Rui, explicando o porquê dessa sua inesperada iniciativa, cujo improviso foi feito em francês fluente e escorreito, disse: «As forças, a coragem, a resolução me vieram não sei de onde (! ?), vi-me de pé, com a palavra nos lábios.»

Pura e indiscutível manifestação mediúnica.

Não obstante, como dissemos, ser tido na conta de ateu, incrédulo e materialista, convidaram-no para proferir uma conferência em favor de cinquenta órfãs do «Asilo N. S. de Lourdes», da Feira de Sant'Ana.

Dessa conferência, extraímos os seguintes trechos que bem falam das suas convicções religiosas, da sua independência e do seu idealismo: «Diante da criança que me pedia, em nome da caridade, uma conferência popular em benefício de um asilo de órfãs, não me julguei com o direito de pesar as minhas forças, e muito menos de examinar, à luz de minhas ideias particulares, a consagração religiosa, sob que esse Instituto pio se mantém.»

«Tão-pouco devia subordinar o meu assentimento a, exigências de uniformidade entre a minha crença e a daqueles que me estendiam a mão pelos pequeninos necessitados.

Posso não crer em Lourdes; mas Lourdes não me separa da Humanidade.»

Nessa mesma conferência ele deu a conhecer a súpula de sua religião, bastando, apenas, citemos os trechos que se seguem, para realçar a sua perfeita identidade de vistas com o que prega o Espiritismo: « ... religião, não sepultada no mistério de uma língua morta; não a desses pseudo-apóstolos do paganismo infantilista, caluniadores do Evangelho, pregadores hipócritas e mentirosos da opressão sacerdotal, com a boca cheia de Deus e a consciência cauterizada de interesses mundanos; não a das diatribes no púlpito, na imprensa,

nas pastorais, nas letras apostólicas; não a do ódio, da cisão entre os homens, da desconfiança no lar doméstico, da separação entre os mortos, do privilégio, do amordaçamento das almas, da tortura, da ignorância, da indigência no espírito e no corpo, do cativo moral e social; mas a do «homem novo», nascido sob a cruz; do espírito que vivifica, e não da letra que mata; da comunicação interior entre o coração e Deus; da caridade brandura para com todos os homens; religião de luz, que se alimenta de luz, e que na luz se desenvolve; religião cujo pontífice é o Cristo, religião de igualdade, fraternidade, justiça e paz;

religião em cujas entranhas se formou a Civilização moderna, em cujos seios sugou o leite de suas liberdades e de suas instituições, e a cuja sombra amadurecerá e frutificará a sua virilidade; religião de tudo quanto o ultramontanismo nega, amaldiçoa e inferna. Por ela o altar algum dia, e não longe, não será mais uma especulação; por ela as consciências não terão mais contas que dar de si senão ao Onipotente; por ela todas as crenças serão iguais perante a lei, todas as convicções igualmente respeitáveis perante os homens.

Em que pese ao Vaticano, aos partidos reatores, às transações políticas e às realezas impopulares!»

São eloqüentes as palavras de Rui, a seguir transcritas, contidas no discurso que proferiu, em nome da Academia de Letras, quando do saimento do ataúde de Machado de Assis, do Silogeu: «Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir.

Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.»

«Reformador», em seu número de Abril de 1951, transcreve um artigo intitulado «Rui, um Universo», publicado na «Revista Brasileira de Panificação», e que,

data vênia, reproduziremos aqui:

"Na imensa comemoração de Rui Barbosa, toda a sua vida pública e particular foi examinada e aclamada a sua figura apostolar do Direito. Nenhum detalhe do seu talento deixou de ser examinado. Rui estudante, sabendo aos cinco anos de idade conjugar todos os verbos regulares; Rui sem idade para matricular-se na Faculdade, dedicando-se, durante um ano, ao estudo do alemão; Rui, orador desde moço; escritor primoroso, enriquecendo a língua portuguesa; advogado de todos os perseguidos, jornalista insigne, parlamentar, diplomata, internacionalista; Rui, poeta, religioso e crente no Espiritismo, e Rui com conhecimentos de Medicina. Espanta realmente caber numa cabeça tanta inteligência e num coração tanta bondade!

Falaram do seu amor às rezas, mas nada disseram do seu interesse pela pintura e pela música.

Na "Oração aos Moços", Rui falou nas relações humanas com os nossos amigos de "além-vida".

O Deputado Ataliba Nogueira, na conferência feita sobre "Rui Barbosa em Campinas", publicada no "Jornal do Comércio" de 8 de Novembro p. p ., contou o seguinte: Ainda na aprazível estância hidromineral, ocorreu fato curioso, recordado pelos íntimos com certo acento de graça. Estava em voga, àquele tempo, uma espécie de distração à noite, de modo algum consoante com as leis religiosas, porém que as senhoras praticavam como se fôsse inocente jogo de damas. Consistia em colocar sobre uma mesinha de três pés um grande círculo de papelão com as letras do alfabeto escritas, uma a uma, em recorte dentado. Lama, Úrsula, Carlota, Baby Rui.

Barbosa e a filha dum redator do "Jornal do Comércio", do Rio, sentavam-se em redor da mesa e colocavam a ponta dos dedos sobre um cálice que, por ação misteriosa - segundo diziam - parava ante esta e aquela.

letra. Alguém ia anotando as letras num papel. Formavam-se, assim, palavras e frases, àvidamente lidas; pelos circunstantes. Resta lembrar que tudo correspondia

às perguntas formuladas por alguma das moças presentes, quase todas versando sobre qual delas se casaria primeiro, as iniciais do noivo, seus traços fisionômicos, se era louro ou moreno, se era solteiro ou viúvo, fazendeiro ou não. No geral as respostas não provocavam mais que risos, gargalhadas e comentários alegres.

Certa noite, porém, Batista Pereira, que assistia à "sessão", de pé, disse que o cálice estava denotando alguma inquietação, manifestando com isto ter que revelar algum segredo. Sentou-se à mesa e também colocou a ponta do dedo sobre o cálice de cristal, o qual, de maneira rápida, começou a percorrer o alfabeto, com algo de nervosismo por parte das moças e senhoras que participavam da operação. Ao lado, outra moça apontava letra por letra, dizendo nada entender, porém várias vezes havia o nome de Rui, no apanhado gráfico.

O Conselheiro já se havia recolhido muito cedo, feita a leitura dos jornais de São Paulo, que chegavam após o jantar.

Terminado o escrito, verificou-se que era uma mensagem em inglês, dirigida por algum "Espírito" ao ilustre hóspede _ Ficaram todos estarecidos e, diante da indecisão geral, Batista Pereira opinou que deviam levá-la incontinenti já Rui. Batem à porta, o Conselheiro de pijama recebe o papel e fica emocionado: _ E' o estilo dele, o estilo perfeito. E o assunto!

O mesmo que conversamos em nossa despedida em Haia.

Mas, é possível. . Trata-se de William Stead - explica Rui -, o meu amigo e grande jornalista inglês, cuja morte os periódicos noticiam, hoje, no afundamento do "Titanic". E ele acreditava nestas histórias de Espiritismo!"

E, para finalizarmos, oferecemos aos nossos leitores a peroração de um discurso proferido, em 1930, por esse gigante da inteligência, pelo trabalho e pelo ideal que acalentou seu Espírito: «Deus, que me infundistes o amor da beleza, da verdade e da justiça; que povoais da vossa presença as minhas horas de arrependimento, de perdão e de segurança na vossa misericórdia; que há dezenas de anos me descobris os meus erros, me reergueis dos meus desalentos, me conduzis pelo vosso caminho: dai-me, agora mais do que nunca, o ânimo de não mentir aos meus semelhantes, de me não corromper nos meus interesses, de não temer ameaças, não me irritar de injúrias, não fugir a responsabilidades. Se a mercê da salvação da nossa honra, postas nas vossas mãos onipotentes, exigir o sacrifício de um em satisfação das culpas de todos, não vos detenha, Senhor, a miséria do resto dos meus dias, cansados e inúteis. Mas não permitais que as maquinações do egoísmo de alguns prevaleçam ao bem de um povo inteiro, que a barbaria senhoreie de novo a nossa Pátria, que os semeadores de violências e desunião vejam prosperar outra vez a sua funesta sementeira nas regiões benditas, sobre cujos céus acendestes a constelação da Vossa Cruz.»

Velho Espírito, com muitas encarnações em vários países da Europa, nas quais se salientou pela sua coragem moral e independência de pensar e de sentir, empolgou-se com o surgimento de uma nova nação do Continente americano, fadado a ser o berço de uma civilização amante da liberdade, e que, no futuro, dominaria o mundo como a pátria do Evangelho em espírito e verdade, onde a prepotência, o imperialismo, a exploração do homem pelo homem não conseguiriam florescer; desejou, por isso e ardentemente, reencarnar nesse país, que seria o coração do Mundo - o Brasil -, a fim de dedicar toda a sua experiência, o seu esforço, a sua inteligência e o seu grande ideal de liberdade na construção dessa nova civilização cristã.

E a Providência Divina houve por bem conceder-lhe a graça de seu Espírito reencarnar em terras de Santa Cruz, com o nome de José Bonifácio de Andrada e Silva, de autoridade incontestável, possuidor de largo espírito de conciliação e de um desprendimento sem igual.

José Bonifácio, segundo o testemunho insuspeito dos historiadores, conhecia muitas línguas e falava seis ou sete. Foi poeta, sábio, político, patriota. Sua vida foi repleta de pensamentos, palavras e obras.

Desencarnou José Bonifácio em 1838 e, dez anos após, em 1849, seu Espírito voltava à Terra, então com o nome de Rui Barbosa.

Por esse simples relato, podemos bem compreender, e avaliar o porquê de sua genialidade, da facilidade assombrosa com que se expressava corretamente em vários idiomas. Reminiscências de seus conhecimentos hauridos em vidas outras.

Foi um Espírito que muito amou o Brasil e por ele trabalhou heroicamente, embora não fôsse bem compreendido nessas duas encarnações, em virtude da sua largueza de vistas e de seu inquebrantável idealismo, porque, como disse ele, em discurso pronunciado na colação de grau de bacharéis em Ciências e Letras do Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, «o ideal não se define; enxerga-se por clareiras que dão para o Infinito: o amor abnegado; a fé cristã; o sacrifício pelos interesses superiores da Humanidade; a compreensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heróica ou uma aspiração sublime.

«Disse o Cristo que o homem não vive só de pão; porque vive do pão e do ideal. O pão é do ventre, centro da vida orgânica. O ideal é o espírito, órgão da vida eterna. Entendei, como quiserdes, a eternidade e a espiritualidade. »

Seu Espírito, em magnífica comunicação intitulada «Oração ao Brasil», por meio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, e contida no livro «Falando à Terra», manifesta ainda seu idealismo e grande amor à Pátria do Cruzeiro do Sul, em cuja mensagem se refere à sua anterior encarnação no Brasil.

Não nos podemos furtar ao impulso de transcrever as palavras finais dessa sua oração: «Grande Brasil! Berço de triunfos esplêndidos, aberto à glorificação do Cristo, seja Ele a tua inspiração redentora, o teu apoio infalível, a trave-mestra de tua segurança; e, enaltecendo o messianismo do teu povo fraterno, em cujo seio generoso se extinguem todos os ódios de raça e se expungem todas as fronteiras do separatismo destruidor, que o Mestre encontre no âmago de teu coração o sagrado pois o das Boas Novas de Salvação, descendo, enfim, da cruz de nossa impenitência multissecular para conviver com a Humanidade terrestre, para sempre.»

Fonte: Grandes vultos da humanidade e o espiritismo.